

J. S. M. Ward



QUEM FOI  
HIRAM  
ABIFF?



MADRAS®

# Quem Foi Hiram Abiff?

J. S. M. Ward, M. A., F. R. Econ. S., F. S. S., P. M.

Finado Erudito Premiado de Trinity Hall, Cambridge.

Membro do Royal Anthropological Institute

Membro da Royal Asiatic Society

Etc.



*Tradução:*

Carlos Raposo, M. I. e 33° R. E. A. A.



MADRAS®

# Índice

Prefácio .....	5
I. Nosso Problema.....	9
II. Os Cinco Hiram na Bíblia.....	14
III. Adônis e Astarte na Babilônia .....	31
IV. Astarte e Adônis na Síria e no Chipre .....	44
V. O Deus Moribundo na Ásia Menor.....	81
VI. O Deus Moribundo em Outros Países .....	101
VII. Os Ritos de Adônis em Judá .....	130
VIII. A Participação de Salomão nos Ritos de Adônis .....	145
IX. Os Altos Graus de Tamuz .....	155
X. O Relato de Luciano sobre os Ritos de Tamuz.....	165
XI. Resumo dos Ritos Sírios .....	172
XII. Sua Permanência sob os Essênios .....	180
XIII. A Permanência do Culto de Adônis no Período Cristão .....	187
XIV. Os Cavaleiros Templários e o Santo Graal .....	205
XV. Hiram Abiff e o rei Hirão .....	225
XVI. Quem Foi a Rainha de Sabá? .....	229
XVII. O Martírio Anual dos Reis-Sacerdotes.....	237
XVIII. Sacrifícios de Fundação e Consagração.....	242
XIX. A Fusão do Drama Anual com as Cerimônias de Iniciação .....	251

XX.	Ritos de Iniciação de Morte e Ressurreição – Exemplos de Todas as Partes do Mundo .....	255
XXI.	Cerimônias de Renascimento e a Transferência da Alma do Herói: Andar sobre um Túmulo ou Cadáver: A Árvore.....	290
XXII.	A Permanência dos Antigos Símbolos de Adônis: Os Três Vilões: Os Três Dias.....	298
XXIII.	Os Filhos da Viúva.....	306
XXIV.	Por que Hiram Abiff Representa Adônis e Não Osíris.....	309
XXV.	A Descendência Histórica e a Permanência do Culto de Adônis.....	315

# Prefácio

Neste livro, empenhei-me por resolver o problema que por muitos anos confundiu os maçons. Parece-me estranho que muitos antropólogos, também maçons, tenham perdido a oportunidade de aplicar em nossas próprias cerimônias e tradições os princípios aprendidos por eles ao estudarem os costumes dos povos primitivos.\*

O Deus Moribundo tem sido objeto de estudo por muito tempo e até mesmo no centro de Londres, quase todos os dias da semana. Sua trágica história parcamente humanizada é interpretada. Caso eu tenha interpretado corretamente os fatos, Hiram Abiff é um dos reis-sacerdotes de Tiro, a encarnação viva de Adônis, dado em Sacrifício de Consagração na conclusão do grande Templo de Jerusalém.

Ao longo de meu trabalho, recebi bastante ajuda e gentileza do doutor Haddon, professor de Antropologia em Cambridge, e do senhor Sidney Smith, do Departamento Assírio do Museu Britânico, ambos maçons e autoridades em suas respectivas disciplinas, e também dos senhores G. E. W. e N. M. Penzer.

Quanto aos livros que consultei, estes são indicados nas notas, contudo há um homem a quem, acima de tudo, devo expressar meu sentimento de profunda dívida. Em todos os seus livros, *sir* J. G. Frazer

---

\*N.T.: Importante é frisar que vários termos usados pelo autor, tais como “povos primitivos”, “crenças e doutrinas primitivas”, “costumes bárbaros”, etc., poderão soar, em um irreflexivo primeiro momento, estranhos e discriminativos a alguns ouvidos atuais. Contudo, vale lembrar que o presente texto é fruto da primeira metade do século XX, estando essas terminologias perfeitamente de acordo com boa parte da Antropologia – sobretudo inglesa – praticada nesta época.

tem sido uma inspiração, e a ele, mais do que a qualquer outro autor, devo profunda gratidão.

Concluindo, sinceramente espero que meus leitores achem este livro interessante de se ler do mesmo modo como o foi escrevê-lo e que ele os leve a uma veneração ainda mais alta por nosso grande Herói Maçônico.

J. S. M. W.

## CAPÍTULO I

# Quem Foi Hiram Abiff?

### Nosso Problema

Todo maçom ponderado já deve ter feito a pergunta acima repetidas vezes. Para a maioria está claro que a lenda tem uma notável afinidade com o tema dos Antigos Mistérios, e estudiosos geralmente a comparam com a lenda de Osíris no Antigo Egito.

Contudo, para o autor, parece um erro ir até o Egito para encontrar a origem da nossa lenda, quando o próprio ritual indica a Palestina e o Oriente Médio como sua verdadeira fonte. O simples fato de a Bíblia, como a temos agora, mal fazer referência ao personagem principal na lenda de nosso Templo, dando somente uma pista dessa tragédia, é suficiente para mostrar que, seja qual for o caso com outras partes do nosso ritual, a lenda em si não é derivada de nenhuma versão existente das Escrituras conhecida pelos ingleses no século XVIII.

Sendo assim, o campo óbvio para a pesquisa é a Palestina, não o Egito, e devemos estudar não só os relatos judaicos registrados na Bíblia como também a história profana, as crenças e os costumes do grupo heterogêneo de raças que habitava a Síria e a Ásia Menor no período da construção do primeiro templo e durante eras posteriores.

Quando meus leitores terminarem a leitura desta obra, acredito que terão percebido que Hiram Abiff é uma figura ainda mais dramática do que aquela representada em nossa lenda. Ele significa algo maior, mais vasto, mais nobre e mais terrível do que um simples homem honrado que, em vez de trair seu voto sagrado, entregou

a própria vida. À medida que a história se desdobra, meus leitores perceberão que somos testemunhas oculares espirituais de uma vasta tragédia capaz de abalar nossas almas, cujo caráter sombrio e abrangente revela as profundezas insondáveis de crueldade e loucura de onde, na passagem das eras, a humanidade lentamente emergiu, guiada por aquela Luz que vem do alto.

De fato, Hiram pode ter sido um homem real de carne e osso, o qual, assim como milhares antes e depois dele, foi sacrificado na falsa crença de que por meio disso o grão cresceria e a edificação permaneceria firme para sempre. Alguém da longa linhagem de profetas, sacerdotes e reis, cujo sangue tingiu o fulgente campo florido, de modo que a Grande Mãe pudesse se tornar fértil e prolífica. Vítima vã, embora heroica, que ao ser chamada ao seu dever, dirigiu-se inabalavelmente ao Vale das Sombras da Morte.

Veremos nestas páginas que Hiram não foi o último arquiteto a ser sacrificado quando o edifício em que trabalhara foi completado, e que mesmo nos dias de hoje, nos cantos escuros da Terra, representantes humildes, mas valentes, de nosso Mestre ainda seguem o mesmo caminho sangrento que ele trilhou.

A estrada que seguiremos neste livro se assemelha àquele Pavimento Maçônico axadrezado em preto e branco e, assim como usado no A. R.,\* decorado com carmesim. Precisaremos mergulhar no interior da noite negra do próprio Abismo – o Abismo da ignorância selvagem e do medo, e quanto mais descermos, quanto mais longe nos arriscarmos a voltar no tempo, o negrume se tornará escuridão, iluminada apenas pelo bruxuleio de um raio – a inabalável fé e o silente heroísmo com os quais os homens aceitaram o ofício sublime e o destino inflexível que lhes eram impostos pelas doutrinas selvagens e primitivas.

Felizmente, não alcançaremos as profundezas mais inferiores do abismo, pois quando tivermos visto o suficiente para perceber quão extensa e penosa foi a jornada através da qual o homem civilizado galgou sua presente condição, poderemos nos contentar em imaginar o que se encontra além da mais longínqua e rubra aurora humana.

---

\*N.T.: Arco Real.



Entretanto, como seguiremos o caminho de volta das trevas à luz, encontraremos nova esperança e salvação quando da evidência observada no modo pelo qual, entre as trevas da magia primitiva, os homens despertam, inspirados pelo sublime, e mesmo estando presos à rigidez das antigas cerimônias mágicas, eles as transformaram e enobreceram em coisas belas, proclamando a todos uma mensagem de esperança: “A morte não mata, pois assim como o grão morre para ressurgir transformado e embelezado, do mesmo modo o homem mortal deixa cair a casca chamada por ele de corpo, elevando-se ao alto como uma águia, para brilhar eternamente com as estrelas”.

Depois surgiu o Místico que, tomando a lenda antiga, novamente a transformou em um símbolo de lutas interiores da alma do homem, a Sublime Busca de Deus: a revelação de que até mesmo em um pobre homem pecaminoso existirá uma Centelha do Ser Divino a Quem podemos nos unir e conquistar a Redenção, a Visão Beatífica, o fim da longíssima Busca. Portanto, percebemos Deus trabalhando de modo misterioso e em lugares estranhos. Vemos afinal que a longa agonia humana, infligida pelo próprio homem, não foi inteiramente em vão. Talvez, acima de tudo, conquistemos uma nova e mais genuína admiração pela severidade dos velhos profetas da fé judaica, que lutaram desesperadamente, muitas vezes sem esperança e em desvantagem, contra os adeptos de uma concepção inferior das coisas Divinas.

Por outro lado, devemos reconhecer que não foi só na Palestina que a Luz das Luzes trabalhou para conduzir os homens do Inferior ao Superior, mas que também em terras longínquas outros Profetas do Altíssimo, usando Ritos e costumes similares, os enobreceram e transformaram em um meio de expressar à humanidade, pela alegoria e pelo símbolo, profundas verdades espirituais e morais. No curso da nossa obra, traçaremos a origem de aspectos tão peculiares como a Pata do Leão Garra, a Garra da Águia, as duas Colunas, o Rebento da Acácia, o ato de passar por cima de um túmulo aberto e também da luminosa Estrela da Manhã, a qual traz Paz e Salvação à multidão, embora, de modo inflexível e terrível, traga morte ao homem solitário. Em retrospecto, passarão diante de nós Ritos de Iniciação, de

Morte e de Ressurreição, que existem em todas as partes do mundo e a partir deles muito aprenderemos que nos ajudará em nosso estudo.

Ao investigar as crenças primitivas, devemos nos lembrar de que o selvagem está longe de ser lógico. Ele é perfeitamente capaz de ter ao mesmo tempo crenças que podem ser vistas por *nós* claramente como contraditórias. Contudo, entre povos civilizados atuais, observa-se o mesmo fenômeno, pois homens inteligentes poderão ter duas ou mais crenças mutuamente destrutivas. Claro que o pensamento lógico é um conceito bem moderno e, portanto, não devemos nos surpreender se encontrarmos nossos ancestrais primitivos e o moderno selvagem atribuindo ao mesmo tempo a um ente mitológico os atributos do Sol, da Lua e da Terra.

Outro fator capaz de confundir o iniciante na antropologia é que vários povos e cultos, em especial no Oriente Próximo, pegavam emprestados detalhes e incidentes uns dos outros, enquanto nós, que desejamos sondar profundamente o funcionamento da mente humana na sua jornada rumo à luz, devemos estar preparados para encontrar não apenas uma ignorância abismal dos fatos mais elementares da vida, como também uma falta de lógica sólida, tornadas ainda mais surpreendentes por lampejos de genuína inspiração e conhecimento real.

Nesta obra, porventura descobriremos fatos até mais importantes do que a resposta à nossa questão original. Iremos percorrer vastas regiões de tempo e espaço; caminharemos entre florestas primivas da África e seguiremos a solene procissão de luto pelo martírio de Adônis. Veremos os corpos dos homens enforcados nas árvores, as quais nunca foram plantadas, na Colina do Calvário e, em espírito, testemunharemos os fardos de fogos de Moloque queimando o grande império oceânico do povo fenício.

Veremos tragédia após tragédia passar por nós em nossa viagem de terra em terra. O ribombo dos tambores da morte e o tom agudo das flautas mágicas se misturarão em nossos ouvidos com a lamúria de incontáveis convidados que nos seguirão dentro dos distritos sagrados do Templo do Rei Salomão e, em um limiar ainda mais sagrado, por uma estalagem em Belém. Seguiremos os passos

de nosso Mestre Hiram, entre templos gentios e igrejas góticas, das cabanas de folhas de palmeira da Nova Guiné às Lojas adornadas de Londres, vendo assim como ele trilhou a senda do sacrifício tingido com o vermelho de seu próprio sangue.

Então, vamos descortinar essa tragédia sombria dos homens divinos, sejam eles reis, sacerdotes ou arquitetos; em particular, seguiremos a obscura figura do Mestre Arquiteto, voltando através das eras até seu lar nas montanhas do Líbano onde, conforme as Escrituras, Adoniram se encarregava dos tributos nos dias de Salomão, rei de Israel. Vamos investigar o trágico fim do próprio Adoniram, de acordo com as Escrituras Sagradas, aprenderemos o significado do nome Hiram – o Destruidor – e descobriremos a horrível causa que fez dele um filho da viúva.

## CAPÍTULO II

# Os Cinco Hiram na Bíblia

Que sigamos as pegadas do Mestre  
Durante os anos obscuros,  
De volta ao turvo amanhecer rubro,  
Pelo vale de sangue e lágrimas.

Que caminhemos ao lado de nosso Mestre  
Entre a melancolia da multidão,  
Onde sai o lamúrio da concha para os Céus,  
E os solenes tambores da morte rufam.  
Em meio à escuridão da angústia  
Onde o Deus-homem ferido morre,  
Na hora em que germina a semente de milho  
E as almas dos mortos surgem.

Ao considerar quem era Hiram, presumo que meus leitores saibam de cor a sua lenda, de acordo com o ofício de Emulação e, além disso, eventualmente, conforme as variações ou adições feitas na cerimônia assim como acontece nas Províncias ou no exterior, que são importantes elos na evolução de nossa cerimônia.

O primeiro lugar onde buscaremos informação é o V.L.S.,\* porém este nos diz pouco, nem devemos nos surpreender se, como pretendo indicar depois, Hiram representava um popular Deus sírio, contra quem os campeões de Jeová lutavam incessantemente.

---

\* N.T.: Volume da Lei Sagrada, isto é, a Bíblia.

Não há dúvida entre os estudiosos bíblicos que no período de Josias, 624 a.C., não só muitos abusos foram eliminados e reformas importantes realizadas, como indicado no V.L.S,<sup>1</sup> mas que os volumes anteriores da Bíblia foram cuidadosamente revisados e qualquer traço que pudesse indicar uma tolerância ainda que mínima às antigas crenças locais foi excluída. Ainda assim, somos informados de que o santuário de Astarte (ou Astorete dos sidônios), construído pelo rei Salomão,<sup>2</sup> ainda estava de pé na época de Josias, e que foi este que mandou derrubá-lo.<sup>3</sup>

Todas as reformas realizadas por Josias ocorreram por causa de um livro que os sacerdotes descobriram quando estavam restaurando o Templo do Rei Salomão e os críticos concordam que esse livro era o Deuteronomio, datado como sendo desse período<sup>4</sup> e atribuído a Moisés por uma ficção jurídica, da qual a história inglesa também fornece numerosos exemplos.

Ao longo da história, os Reformadores acharam necessário fingir que suas reformas eram na verdade antigos costumes que haviam sido esquecidos, pois de outro modo o povo nunca as teria aceitado. Na Inglaterra foi Eduardo, o Confessor, o responsabilizado pelas reformas instituídas por Henrique II, e até por reis posteriores, enquanto que entre os judeus era naturalmente Moisés.

O novo e estrito código de leis morais e ensinamento monoteísta assim proposto exigiu uma cuidadosa revisão de livros mais antigos, com o intuito de evitar que o partido laxista no estado judaico os citasse para sustentar que, afinal de contas, era permissível alguma tolerância à antiga fé, já que Salomão, ou algum outro herói judeu, indubitavelmente havia adorado Astarte ou Moloque, e ainda assim fora amado por Jeová. Portanto, onde tais fatos não puderam ser eliminados, houve o cuidado de mostrar que esses atos do herói eram intensamente desaprovados por Jeová.<sup>5</sup> Ainda assim, podemos detectar evidências de que os costumes

1. 2 Cr, 34:1 e 2Rs, 22:1.

2. Ver 1R 2:5.

3. Ver 2R 23:13

4. Frazer. *Adonis, Attis and Osiris*, 3ª ed., vol. 1., p. 26. W. Robertson Smith. *The Old Testament in the Jewish Church*, p. 395 sq., 425.

5. *Encyl, Bibl.* II. 2, 708, sq. 2, 633 sq., vol. IV. 4, 273. Diretor J. Skinner, *Introduction to Kings in The Century Bible*, p. 10 seq.

pagãos continuaram apesar dos desejos de Jeová, e às vezes tais costumes são mencionados sem qualquer marca de desaprovação. Nesses casos, sem dúvida, o fato passou despercebido pelo revisor. Um exemplo será suficiente: Jefté<sup>6</sup> ofereceu sua filha única em holocausto, apesar da suposta proibição de sacrifícios humanos indicada em Gênesis 22.<sup>7</sup> Jefté também pode ser considerado, em certo sentido, um herói maçônico, como meus leitores recordarão. Deve ser notado que na Bíblia não há menção de desaprovação por Jeová e, assim, evidentemente esse sacrifício humano não revoltou a consciência pública, ou os historiadores sacerdotais o teriam registrado. Se Jefté pôde sacrificar sua própria filha, é impensável que um grupo misto de artesãos judeus e fenícios poderia, 150 anos depois, sacrificar um homem?<sup>8</sup>

Contudo, felizmente havia uma pequena evidência que os revisores não conseguiram eliminar sem destruir toda a sua história anterior: aquela fornecida por certos nomes claramente pessoais e estes, reforçados por inscrições que pertenciam a precursores não judaicos de Salomão, os reis Jebuseus de Sião, indicam, sem sombra de dúvida, a sobrevivência de “ideias pagãs” na Terra Santa. Porém, a ansiedade dos revisores em eliminar o máximo possível de todas as referências de natureza pagã pode explicar o desaparecimento misterioso de vários livros anteriores da Bíblia que agora conhecemos apenas por breves referências.<sup>9</sup>

Essas observações preliminares são absolutamente essenciais para que meus leitores eliminem quaisquer noções preconcebidas que possam ter de que Jeová, o Deus único, era aceito por toda Israel na época de Salomão ou mesmo que o sábio rei era um estrito monoteísta. O máximo que podemos dizer de Salomão é que devia considerar Jeová o Deus supremo, mas não tinha escrúpulos em ofe-

---

6. Naturalmente, há uma explicação alternativa, a de que a história da filha de Jefté é mitológica, uma Perséfone síria, mas a história mais humana se choca menos com a tradição bíblica e é igualmente provável. Contudo, a explicação mitológica seria uma prova da sobrevivência do “Paganismo” de modo ainda mais eficaz do que a que adotei.

7. Juízes 12:31 sq.

8. A data usual atribuída a Jefté é c. 1143 a.C. e o Templo de Salomão supostamente foi consagrado c. 1004 a.C.

9. Ver 2 Cr 9:29, etc.

recer sacrifícios propiciatórios a outros Deuses locais e populares quando lhe parecia desejável. Certamente ele não era, como Josias, consumido pela devoção a Jeová e, portanto, entre a massa de pessoas com espírito menos evoluído que ele utilizou para construir seu novo templo, podemos esperar encontrar muitos que eram devotos adoradores do Deus local Adônis, ao qual um dos grandes santuários parece ter sido o Monte Moriá.

Vejamos o que a Bíblia tem a dizer sobre Hiram Abiff. Sabemos que Hirão, rei de Tiro, enviou Hiram Abiff para ajudar Salomão a construir o Templo,<sup>10</sup> contudo, a partir dos relatos, ele parece ter sido mais um ferreiro trabalhador do bronze do que um arquiteto. No entanto, esse fato não deve ser visto como de muita importância, como acontecia nos velhos tempos quando muitos construtores e comerciantes afins se reuniam em uma guilda maçônica. Até mesmo na Idade Média, os Maçons Comancinos da Europa incluíam entre seus membros pintores e escultores, bem como pedreiros, e não devemos ignorar a menção específica em 2 Cr 2:14 de que Hiram era hábil pedreiro.

As duas versões na Bíblia divergem quanto à tribo de sua mãe: As Crônicas afirmam que ela era “das Filhas de Dã”, enquanto o Livro dos Reis diz que ela era uma “mulher viúva, da tribo de Naftali”. Porém, ambos os relatos concordam que seu pai era um homem de Tiro e é significativo que Tiro fora um dos centros de culto de Adônis. O conflito de testemunhos sobre a tribo de sua mãe pode ser explicado quando se estabelece que ela não era uma judia verdadeira, mas, sim, pertencente a um antigo povo a respeito do qual era difícil se associar a uma tribo, porém, aos olhos dos historiadores, seria proveitoso indicar que o grande Arquiteto do Templo tinha algum sangue judeu nas veias. Contudo, é possível que a verdadeira explicação fosse que ela pertencia à tribo de Dã. Dã era dividida em duas seções: uma seção pequena separada do corpo principal e localizada no lado do deserto da tribo de Naftali, que possuía o território por onde ela teria passado, e que era uma das tribos judaicas mais conhecidas pelos fenícios. De qualquer modo, é dito claramente que seu pai era fenício, e pela habilidade do filho, que incluíam trabalho na

---

10. Ver 2 Cr 2:13, também 1R 7:13.

famosa “púrpura” de Tiro, fica claro que ele foi criado nessa cidade. Portanto, dificilmente ele seria um adorador de Jeová, e parece óbvio que a maioria dos seus colegas operários eram fenícios, pois Salomão escreveu e solicitou a Hirão de Tiro que lhe enviasse homens.

Também aprendemos que o rei Hirão lhe prometeu cedros e abetos do Líbano; e a Montanha do Líbano, como veremos depois, era a Montanha Sagrada de Adônis de Biblos, onde ficava seu mais sagrado santuário. Contudo, é dito especificamente que, mais tarde na sua vida, o rei Salomão adorou Astorete, a Deusa dos Sidônios, e Milcom, a abominação dos Amonitas,<sup>11</sup> e que construiu “no lado direito do Monte da Corrupção” um santuário para Astorete, para Quemós e para Milcom. Eles ainda estavam de pé 350 anos depois,<sup>12</sup> quando foram destruídos pelo bom rei Josias.<sup>13</sup>

Astorete é idêntica a Astarte, a Deusa cujo amor provou ser fatal para Adônis, e no período de Ezequiel, c. 594 a.C., encontramos esse profeta denunciando as mulheres judaicas<sup>14</sup> porque elas choravam por Tamuz<sup>15</sup> no Portal Norte do Templo. Ele também denunciou os homens porque dentro das cortes do próprio Templo “de costas para o Templo do Senhor e os seus rostos voltados ao Oriente.... eles adoravam o Sol no Oriente”.<sup>16</sup>

Assim, podemos ver que os judeus na época do rei Salomão estavam longe de ser monoteístas estritos e mesmo o sábio rei não servia apenas a Jeová, mas construía também altares a outros Deuses, talvez temendo que eles se ofendessem se não o fizesse. A própria Bíblia afirma que ele era de fato um adorador de Astarte e que, apesar dos esforços hercúleos de Josias, o culto da Deusa não foi eliminado, pois 28 anos depois as cerimônias associadas à morte de Adônis ainda estavam ocorrendo.

---

11. 1 R 11:5 seq.

12. A tradição diz que Salomão reinou de c. 1014 a.C a c. 975 a.C. Josias começou suas reformas c. 624 a.C. e pelas narrativas está claro que por todo esse período a adoração estava ocorrendo nesses e em outros “Santuários Gentios”.

13. 2 R, 23:13.

14. Ezequiel 8:14

15. Tamuz era o nome sírio de Adônis, e dele veio o nome judaico para o mês de junho-julho, Tamuz, que é usado até hoje.

16. *Ibid.* 8:16



Como veremos mais tarde, o “Cântico do Rei Salomão”<sup>17</sup> é sem dúvida um fragmento do ritual conectado com os Ritos de Adônis, e o sublime capítulo 12 do Eclesiastes, que a tradição afirma ter sido escrito pelo rei Salomão, parece estar associado à morte de Adônis.

Até agora, pelo que podemos julgar da Bíblia, os sumos sacerdotes e os sacerdotes de Jeová pouco fizeram para denunciar esses Deuses rivais, ou possivelmente parceiros. A política talvez os impedisse e foram os profetas, e apenas os profetas, que de modo geral lutaram com zelo ardente pela concepção do Deus único e um só Deus. Foi nessa atmosfera de tranquila tolerância de outros Deuses além de Jeová que o rei Salomão começou a construir seu Templo e para essa tarefa reuniu hábeis artesãos de Tiro, um dos centros do culto de Adônis, enquanto enviava tributos ao Líbano, que era o principal santuário daquele Deus.

O fator seguinte a ser considerado é o nome de Hiram. Sem dúvida, ele tem um sentido muito definido e profundamente significativo. Tanto que é dado a dois homens, o rei e o construtor. Hiram significa “Exaltação da Vida”, “A Liberdade Deles” ou “Brancura”, “o Destruidor”.<sup>18</sup>

Os significados anteriores aplicam-se ao rei e ao construtor, mas o último é diferenciado pela adição da palavra “Abiff” em hebraico, que significa “Pai”. Na versão autorizada da Bíblia, em Reis,<sup>19</sup> não é feita qualquer menção ao título “Abiff”, mas em 2 Crônicas<sup>20</sup> a frase é assim traduzida: “Eu enviei um homem hábil... Hurão, do meu Pai”. Isso parece sugerir que Hurão era o nome do pai do rei que regia Tiro e que o “homem hábil” era um dos seus servos e que, por isso mesmo, seu nome não é dado, mas como 1 Reis 7:40 afirma com clareza que “Hirão fez as pias, etc.,” é evidente que o nome do “homem hábil” era, afinal, Hiram. Literalmente as palavras são “pai de Hiram”, ou “Hiram, seu

---

17. “O Cântico dos Cânticos”, um simpósio ocorrido no Clube Oriental da Filadélfia, em 1924, especialmente o texto de T. J. Meek, da Universidade de Toronto.

18. Major Sanderson. *An Examination of the Masonic Ritual* (Baskerville Press, Edição Limitada), p. 47.

19. 1 R 7:13

20. 2 Cr 2:13.

pai”,<sup>21</sup> sendo que este *seu* é o velho pronome possessivo *seu* que fora substituído ainda no tempo do Inglês Medieval, e.g., “Amor de Cristo”, “Cristo, Seu amor”, e atualmente “Amor de Cristo”.\* Assim, o significado seria “o pai de Hiram”, e como Hirão era o rei de Tiro, que o estava enviando, isso sugere que o arquiteto foi o pai do rei, uma questão a qual nos referiremos mais adiante neste livro.

Entretanto, não devemos traduzir uma palavra sem traduzir outra, pois a ideia toda é um ponto de vista consideravelmente reforçado pela existência de outro termo em hebraico que, embora escrito de forma diversa, na realidade trata do mesmo, ou seja, Abirão. Abirão era o príncipe de Israel que, com outros dois, foi engolido pela terra quando o fogo dela saiu, consumindo seus partidários por se atreverem a reivindicar o direito de queimar incenso perante o Senhor.<sup>22</sup> Sua reivindicação e seu destino são de importância peculiar à nossa pesquisa, pois ele representava claramente um culto rival, afirmando que seus sacerdotes, caso desejassem, tinham tanto direito quanto Arão e os levitas de oferecer orações a Jeová.

“Ab” significa “Pai”,<sup>23</sup> a mesma palavra que “Abiff”, mas que é omitida quando utilizada como um prefixo da segunda sílaba, por causa da eufonia. Do mesmo modo, o “H” em Hiram, quase sempre mudo, é omitido; assim, temos aqui outro Hiram Abiff, que, segundo a Bíblia, sofreu um destino trágico. No entanto, ninguém jamais sugeriu que seu nome devesse ser lido “Hiram, seu pai”. Portanto, caso tratemos a frase inteira como um nome, traduzindo-o em seguida, a maioria de nossas dificuldades desaparece. Nesse caso Hiram significa “O pai daquele que destrói”, ou, eventualmente, “O pai que destrói”, ou ainda, com menor precisão, o “Pai da destruição”. Seu próximo significado é “O pai da sua liberdade, o pai (ou fonte) de sua brancura”. O terceiro significado é “o pai da exaltação da vida”, ou “A fonte da exaltação da vida”.<sup>24</sup>

Ora, na história de Abirão, fica claro que ele era o pai que destrói, ou a causa da destruição dos seus filhos e seus partidários, que

21. Major Sanderson, *An Examination of the Masonic Ritual*, p. 47.

\* N.T.: Respectivamente, no original, *Christes sake*, *Christ His sake* e *Christ's sake*.

22. Números, 16:3-31.

23. Ver Frazer, *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 51.

24. A expressão Exaltação será familiar para maçons do A.R.

pereceram pela sua presunção. Esse fato sugere que estamos de fato no caminho certo. Além disso, há outro Abirão, o filho mais velho de Hiel, que foi oferecido como sacrifício de fundação quando ele reconstruiu Jericó.<sup>25</sup>

Consideremos agora o homem Tamuz, por quem as filhas de Jerusalém choraram, porque ele também sofrera um destino trágico. Foi porque havia um espírito divino em Tamuz, ou Adônis, que a parte humana acabou em destruição, como veremos mais tarde, já que todos os títulos citados não só são apropriados para Adônis, o homem-Deus e seus representantes humanos, como também indicam de modo preciso certos aspectos da sua natureza, enquanto que para um Arquiteto, o título “Aquele *que destrói*” dificilmente seria apropriado.

Além disso, não devemos ignorar o *rei* Hiram, cujo nome também significa “Aquele que destrói”, etc. Seria ele então de alguma maneira um representante de Adônis? A resposta é um enfático “sim”, e ele foi reconhecido como tal na história profana, pois evidências subseqüentes mostram que os reis fenícios alegavam ser encarnações de Adônis, e Ezequiel de fato denunciou o rei de Tiro por chamar a si mesmo de Deus.<sup>26</sup> As palavras exatas são: “Porquanto o teu coração se elevou e disseste: Eu sou Deus”. Assim vemos que esse nome e todas as suas implicações pertenciam a um rei terreno, que era o representante humano de Adônis. Como poderia um simples arquiteto comum também possuir um título tão exaltado?

Havia, contudo, um terceiro Hiram, contemporâneo dos outros dois e, como eles, envolvido com o Templo. Esse homem, de acordo com a tradição, era o sucessor de Hiram, o Arquiteto, e seu nome era um composto consistindo de Hiram e a palavra “Adon” ou Adônis, em vez de Abiff. Ele era Adoniram e é estranho dizer que sabemos pela Bíblia muito mais a respeito dele que dos outros dois. Adoniram é o mesmo nome que Adorão, este último apenas uma variação do anterior. Nós o encontramos primeiro na época de Davi, que o encarregou do tributo.<sup>27</sup> Isso aconteceu por volta de 1022 a.C., e em

---

25. 1 R, 16:34.

26. Ezequiel 28:2.

27. 2 Samuel 20:24.

seguida ouvimos que Salomão o apontou para o mesmo cargo,<sup>28</sup> com o nome de Adoniram, não Adorão, quando também aprendemos que ele era um dos grandes príncipes de Israel, dez dos quais são nomeados, e que seu pai era Ada. Ab, claro, significa “pai de”, e “da” é o mesmo que Dod, ou “Dodo”. Dodo é a verdadeira forma hebraica do nome “Davi” e significa “o amado”. Dod era o título regular de Adônis ou Tamuz, o amado de Astarte, enquanto Dodah era o título da própria Ishtar.<sup>29</sup>

Assim, Abda significaria “Pai do amado de Ishtar”, ou seja, “Pai de Adônis”, um fato bastante significativo.

Relacionado a isso, meus leitores devem lembrar que a forma mais peculiar de se prantear um rei de Judá, quando de sua morte, sem dúvida, fora adotada a partir da forma de pranteio utilizada pelas “mulheres que choram por Tamuz”.<sup>30</sup> De acordo com Jeremias, como traduzido pela versão autorizada, seria a seguinte:

Portanto... Não o lamentarão, dizendo: Ai, meu irmão! Ou: Ai, minha irmã! Nem o lamentarão, dizendo: Ai, Senhor! Ou: Ai, sua majestade!”<sup>31</sup> O professor T. K. Cheyne considera que a misteriosa irmã não era ninguém menos do que Astarte e que a palavra traduzida como “glória” deveria ser “Dodah”, que ele afirma ser um título regular de Astarte, assim como Adon era de Tamuz, vindo daí seu nome grego Adônis.<sup>32</sup>

Em hebraico, as palavras eram “Hoi ahi!”, que significam “Ai de mim, meu irmão!”, “Hoi Adon!”, “Ai de mim, Senhor!”

Assim, vemos que por alguma estranha razão os reis de Judá assumiram o pranteio e até mesmo o título de Tamuz (Adônis) e que Adoniram também usou esse título; mais ainda, era o filho do “Pai do Amado”. Como “Amado” era outro título de Tamuz, vemos que esse príncipe de Israel vinculara a si mesmo a dois dos atributos de Tamuz; e já sabemos que Hiram, que faz parte do seu nome, é

28. 1 R 4:6.

29. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 20, nota 2, etc., seq. Brown Driver and Briggs, “Hebrew and English Lexicon of the Old Testament”, p. 178, seq. G. B. Gray, “Studies in Hebrew Proper Names”, p. 60 seq.

30. Ezequiel 8:14.

31. Jeremias 22:18.

32. Ver Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 20.

praticamente o mesmo nome do rei de Tiro, que dizia ser um Deus, e a palavra Hiram fora vinculada ao arquiteto chefe do templo. Por fim, essa palavra, que significa exaltação da vida, etc., era muito mais adequada a Tamuz do que a um mero e comum mortal.

O alto posto de oficial de Adoniram e seu título de príncipe pareceriam estranhos caso ele fosse apenas um supervisor importante de pedreiros e nada mais; contudo, não haveria nada de estranho com seu título, posto ou nome, caso ele mesmo representasse uma linhagem de reis divinos, embora pudéssemos perguntar se de fato ele era um pedreiro. Assim, veremos agora o que sabemos a respeito de alguns fatos curiosos, a partir de um cuidadoso estudo de um ou dois versículos das Escrituras Sagradas.

A data dessa segunda menção de Adoniram é c. 1014 a.C. A próxima referência é da mesma data e se relaciona com a forma como Adoniram foi encarregado de cuidar dos impostos sobre a madeira cortada no Monte Líbano. O Líbano era o grande santuário de Adônis na Síria. Cíniras, que, de acordo com a lenda, foi o primeiro rei de Biblos\* e pai de Adônis, teria construído um santuário para Astarte em um ponto do Monte Líbano a um dia de viagem de Biblos, ou Gebal como é chamado na Bíblia.<sup>33</sup> Sem dúvida, isso foi em Afca, que ficava na fonte do rio Adônis, onde ainda existem as ruínas. Ele foi destruído pelo imperador Constantino em razão da natureza licenciosa de alguns dos ritos que eram realizados no local.<sup>34</sup>

A lenda nos informa que foi ali que Adônis encontrou Astarte pela primeira vez, ou de acordo com outras versões, pela última vez,<sup>35</sup> e ali seu corpo mutilado foi enterrado.<sup>36</sup> Até hoje, entre penhascos e precipícios, ainda podem ser vistos monumentos ao Deus Moribundo, sendo que na primavera, a partir desse ponto, o rio segue avermelhado pelo seu sangue em direção ao oceano púrpura.

---

\*N.T.: Normalmente citado como o primeiro rei de Chipre.

33. Luciano. *De dea Syria*, 9.

34. Eusébio. *Vita Constantini*, 3, 55.

35. *Eymologicum Magnum*. S. V. APHAKA, p. 175.

36. Melito. *Oration to Atonius Caesar*, em W. Cureton, *Spicilegium Syriacum* (Londres, 1855), p. 44.

Assim, ele foi um homem cujo nome significa “O Senhor que destrói” ou “O Senhor da exaltação da vida”, o filho do “Pai do Amado”, responsável pelos impostos sobre o corte das árvores na montanha que para ele era sagrada, a quem os sírios chamavam “O Senhor”, “O Amado”, “Adônis” e “Tamuz”; em suma, o Deus da vegetação. Então, se Abda significa “O Pai do Amado” e ele era o pai do “Senhor que destrói”, é evidente que o próprio Adoniram era “O Amado” e, portanto, um príncipe judeu regia a Montanha Sagrada de Adônis, sendo conhecido pelo título usado por esse Deus.

Parece que Adoniram seria ainda mais interessante do que o rei de Tiro, cujo nome, Hirão, significa “Aquele que destrói”, ou o Arquiteto, cujo nome indica que ele é o Pai “daquele que destrói”. Mas vejamos o que mais a Bíblia nos conta acerca desse grande príncipe judeu que, do reino de Davi em diante, presidia sobre o tributo, e que estava encarregado dos tributos no Monte Líbano, um local que não pertencia a Salomão nem aos seus sucessores, mas aos fenícios.

Há mais um registro: o grande príncipe morreu uma morte miserável, pois foi apedrejado até a morte pelos israelitas quando se revoltaram contra Roboão.<sup>37</sup> Isso aconteceu em 975 a.C., e embora não seja conhecido o ano do seu nascimento, ou sua idade quando Davi o indicou para administrar o tributo, temos um vislumbre dos últimos 47 anos da sua vida. E que morte miserável sofreu tamanho príncipe, atingido na cabeça por uma turba de camponeses furiosos! Mas à medida que meditamos sobre o fato, nos lembramos de outra turba consistindo de trabalhadores do Templo e outro bravo homem atingido na cabeça. É estranho que o sucessor tenha morrido como seu predecessor imediato, e ainda mais estranho que dois Abirões tenham chegado a um fim violento.

Assim, dos cinco Hiram, três, de acordo com a Bíblia, sofreram mortes violentas. Todos conhecem o destino do quarto, e não podemos deixar de nos perguntar se uma tragédia semelhante marcou também o fim da vida do rei. Talvez sim, embora a tradição judaica afirme que ele viveu centenas de anos. Contudo, pode ser que antes

---

37. 1 Reis, 12:18 e 2 Cr. 10:18. Onde o nome está escrito “Adoram e Hadoram”, respectivamente.

de terminarmos esse trabalho chegemos à conclusão de que havia algo de fatal em ser chamado Hiram.

Quanto ao rei Hirão, a Bíblia também nos dá algumas informações interessantes. Nada sabemos a respeito dele até a conquista de Jerusalém por Davi, quando o encontramos enviando mensageiros e presentes. “O rei Hirão de Tiro mandou muita madeira de cedro, carpinteiros e pedreiros para a construção de um palácio para David”.<sup>38</sup>

Ora, por que o rei que governou o Líbano, o santuário sagrado de Adônis, apressou-se a expressar sua amizade a Davi, cujo nome significa “o Amado”, imediatamente após este ter tomado de Jerusalém? Por que ele enviou pedreiros habilidosos e cedros para construir um palácio para Davi? Não há menção de pagamento, nem há qualquer pista de que Davi tenha ameaçado conquistar Tiro. Caso existisse mesmo uma possibilidade de sugerir essa última causa, podemos ter certeza de que o historiador judaico patriótico teria destacado e sublinhado o fato.

Talvez encontremos a razão caso estudemos a personalidade dos antigos reis Jebuseus de Jerusalém. A partir de Juízes, sabemos que um desses primeiros reis cananeus fora chamado de “Adoni-Bezeque”,<sup>39</sup> e em Josué é dito que o rei de Jerusalém era chamado Adoni-Zedeque”,<sup>40</sup> que significa “Senhor da Justiça”, que, por estranho que pareça, é algo bem próximo e correspondente a Melquisedeque – o Rei da Justiça. Esse personagem nos é de peculiar interesse e, por isso, vamos considerá-lo com bastante cuidado.

“E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe *pão e vinho*; e este era sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão<sup>41</sup>...”<sup>42</sup>

O fato importante aqui é que Abrão reconhece Melquisedeque como um rei-sacerdote e admite que ele adorava Deus. Assim podemos ver que Jerusalém tem uma dinastia de reis-sacerdotes, e que alguns deles usavam o nome divino Adonai e outros Melqui, que

---

38. 2 Sm 5:11.

39. Juízes 1:5 seq.

40. Josué 10:1.

41. Gênesis 14:18-19.

42. Abrão é o mesmo que Abirão, e ele quase destruiu seu filho, sacrificando-o. Depois Deus mudou seu nome para Abraão, e talvez a mudança explique por que, ao contrário de seus vários homônimos, não tenha sofrido um fim trágico.

significa rei, mas mais especificamente o Rei da Cidade, ou Deus da cidade, isto é, Melcarte, o nome dado ao Baal ou Deus de Trio, em relação ao qual teremos mais a dizer posteriormente. Ora, o título dos reis judeus de Jerusalém era “Adoniram-Meleque”, “Meu Senhor, o Rei”, que segundo Frazer<sup>43</sup> indica o fato de terem assumido os títulos de uma linha de reis-sacerdotes de Tamuz (Adônis), regentes originais de Jerusalém; e em razão desse fato Davi estava tão ansioso em tomar a cidade, transferindo a sede do seu governo de Hebron para lá.<sup>44</sup>

O professor A. N. Sayce<sup>45</sup> considera que Davi só adotou aquele nome, que deveria ser escrito Dod ou Dodo, depois de ter capturado Jerusalém. Dodo significa “o Amado”, e de acordo com ele era um dos títulos de Adônis (Tamuz) em Canaã do Sul, e em particular entre os Jebuseus de Jerusalém, onde Adônis era a divindade suprema.

Esses fatos explicam por que Hiram, que era rei-sacerdote e representante vivo de Adônis, deveria estar ansioso para promover o novo rei-sacerdote de Jerusalém e, é claro, para tal ele consideraria Davi. A partir de uma leitura atenta do relato da compra da eira de Araúna, mencionado como Jebuseu<sup>46</sup> e rei,<sup>47</sup> o qual temos que citar cuidadosamente, ainda que pareça inútil, vemos que esse mesmo Davi, deliberadamente, desviou-se de seu caminho com o intuito de transferir a velha tradição sagrada para sua própria casa e até mesmo para seu Templo.

Ora, Adônis ou Tamuz era o Deus da vegetação, mais especificamente do milho, de modo que uma eira seria particularmente apropriada como um local sagrado. Assim como o milho representava seu corpo, durante o período da celebração da morte do Deus era costume não comer milho, e a eira, onde o milho era socado, de certo modo representava o martírio do Deus. Assim, qual lugar seria

43. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 20.

44. *Ibid.* p. 19.

45. *Lectures on the Religion of the Ancient Babylonians* (Londres e Edinburgo, 1887), p. 52-27.

46. 2 Sm 24:18 seq. 1 Cr. 21:22 seq.

47. Versículo 23 em 2 Samuel 24 significativamente diz “Tudo isto deu Araúna ao rei; disse mais Araúna ao rei: O Senhor teu Deus tome prazer em ti.” Uma passagem que só pode significar que o próprio Araúna era um representante dos antigos reis-sacerdotes do jebuseus.



mais apropriado para um santuário a Adônis e, pelo mesmo motivo, o que melhor seria para Davi do que comprar a eira e sobre ela construir seu novo templo de Jeová e, desse modo, enxertar a nova fé sobre a antiga?

E com isso ele só estava fazendo o que os cristãos fariam constantemente no futuro. Por exemplo, a catedral de São Paulo substituiu um antigo templo romano, provavelmente dedicado a Adônis, e sem dúvida isso explica em parte por que as mulheres ainda choravam por Tamuz no portal norte do templo nos dias de Ezequiel. De fato, há pouca dúvida de que a cerimônia completa da morte de Adônis ainda era reproduzida no mesmo ponto, apesar da mudança nominal do culto.

Assim, vemos que Hirão de Tiro não apenas trazia os títulos “Aquele que Destrói”, “Sua Brancura”, etc., mas também regia um dos mais sagrados santuários de Adônis, e estava ansioso para fazer tudo que pudesse para agradar um rei que acabara de obter controle sobre outro ponto sagrado para Tamuz. Veremos mais tarde que ele mesmo era um rei-sacerdote representando o Deus da sua cidade, Tiro, e que enviou Hiram Abiff para ajudar o filho de Davi a construir um templo para Adônis. De qualquer modo, o rei Salomão não hesitou em erguer um segundo santuário próximo do Templo em honra a Astarte e, como veremos depois, o próprio Templo de Jeová parece ter sido copiado, pelo menos em parte, do grande santuário a Astarte-Adônis em Pafos, que ainda estava de pé na época. Talvez Salomão tenha pensado que era necessário apaziguar Astarte e Adônis por converter seu espaço sagrado no local do templo de Jeová.

Ainda permanece um ponto ligado ao nome do Arquiteto. Alguns estudiosos consideram que a palavra Abiff deveria ser lida Abib, que significa “espigas de milho ou frutas verdes.”<sup>48</sup> Se essa leitura for aceita, é mais uma confirmação do ponto de vista de que Hiram Abiff está de algum modo conectado com Tamuz. Não podemos ignorar o significado da dádiva do pão e do vinho feitos pelo velho rei-sacerdote Melquisedeque, e os usos muito gerais do pão e do vinho para fornecer uma refeição sacramental relacionada a um ritual cerimonial de morte e ressurreição.

---

48. Major Sanderson. *An Examination of the Masonic Ritual*, p. 47.

Agora vamos nos voltar da Bíblia para a história profana e ver o que podemos aprender sobre Adônis e as alegações de que certos reis sírios seriam reis-sacerdotes e encarnações de Deus, mas antes de fazê-lo vamos reunir os significados dos nomes dos diferentes Hiram, pois talvez mais tarde, quando estudarmos a história de Adônis, eles provem ser mais significativos do que são no momento.

Adônis significa “Senhor”, originalmente o Senhor Deus e, nesse sentido, era usado pelos juDeus para substituir a palavra Jeová quando surgiu a tradição de que o nome santo não deve ser pronunciado. Em um período anterior, mesmo no tempo de Davi, nenhuma ideia do gênero parecia existir, pois havia muitos nomes pessoais que o incorporavam, ou pelo menos parte dele, por exemplo, Adonijah (*isto é, Adonias*), que significa “Javé (ou Jeová) é o Senhor”,<sup>49</sup> realmente um nome estranho para um simples homem. Incidentalmente, como tantos que portavam um nome divino, ele foi morto, nesse caso por ordens do seu próprio irmão.<sup>50</sup>

Adônis é meramente uma forma grega de Adonai, que era o título mais usado pelos sírios ao falar de Tamuz. Embora originalmente um título divino, em virtude do fato de ser atribuído a todos os descendentes desses reis supostamente divinos (já que eles também eram divinos), pode ter se tornado menos um título divino do que honorífico, já mais no fim da era pré-cristã, mas se isso aconteceu foi muito depois da época de Salomão. Os reis fenícios de Chipre e seus filhos possuíam o título de Adônis<sup>51</sup> até o tempo de Aristóteles, ou mesmo depois, e de acordo com as lendas cipriotas, Adônis foi em determinado período rei de Pafos no Chipre.

Agora estamos em uma posição de compreender melhor o significado e a importância de vários nomes que ocorrem nas nossas lendas, e vamos lidar com eles um de cada vez, começando com Hiram:

HIRAM significa:

- 1) Aquele que Destrói.
- 2) Sua liberdade.

49. 1 Reis 1:5 seq.

50. 1 Reis 2:25.

51. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 49.

3) Sua brancura.

4) A exaltação da Vida.

O rei Hirão, portanto, não precisa de mais explicação.

AB ou ABIFF significa “Pai” ou “Pai de”, e a leitura alternativa Abib significa “Espigas de Milho” ou “Frutos Verdes”. Portanto,

HIRAM ABIFF significa:

- 1) O Pai daquele que destrói.
- 2) O Pai (ou fonte) da sua Brancura.
- 3) O Pai (ou fonte) da sua Liberdade.
- 4) O Pai (ou fonte) da Exaltação da Vida.

Devemos reconhecer que vários desses títulos são apropriados a Tamuz. Assim, o número 2 claramente indica sua natureza como Deus do Milho e, sem dúvida, nos ensina que através da sua morte os homens são purificados; também não podemos esquecer que o lado destrutivo da divindade na Índia, chamada Shiva, é sempre representado como branco e chamado de “O Grande Deus Branco”. De modo similar, o número 3 também sugere o sacrifício de substituição através do qual os demais homens são salvos ou libertados. Por fim, o número 4 é uma expressão particularmente apta para denotar aquele que é semeado na corrupção e elevado na incorrupção. Alguém que troca a vida mortal pela vida eterna e divina, e assim dá aos homens a esperança de uma ressurreição similar.

ABIRÃO significa exatamente o mesmo que HIRAM ABIFF, e é interessante notar que o homem anterior pereceu porque alegava ser um Sacerdote do Altíssimo, uma declaração muito similar àquela feita por Melquisedeque, cujo direito, por estranho que pareça, foi admitido pelos escritores judaicos sem questionamento, apesar de ele nem mesmo ser da linhagem de Abraão. O Abirão subsequente foi um sacrifício de fundação, e assim teve um destino bastante similar ao de Hiram Abiff, que fora um sacrifício de consagração.

ADONIRAM significa:

- 1) O Senhor Deus que Destrói.
- 2) O Senhor Deus da Brancura (O Deus do Milho).
- 3) O Senhor Deus da Liberdade (O Deus que traz aos homens liberdade do sofrimento mortal e do terror da morte).

4) O Senhor Deus que é ele mesmo a Exaltação da Vida (O Senhor da Ressurreição).

ABDA significa “O Pai do Amado”. Um título de Adônis e uma frase que indica que Adoniram é o Amado (isto é, de Astarte).

Esses são realmente grandes títulos para meros mortais. No entanto, pelo menos quatro deles pereceram de modo miserável; um pelo fogo e terremoto, dois nas mãos de uma turba, e um como sacrifício. De modo similar morreram Adônis e seus representantes terrestres, como veremos, pois agora vamos deixar para trás a Bíblia e ver qual conhecimento adicional pode ser adquirido a partir de um estudo cuidadoso da história profana do Oriente Próximo.

Primeiro, vamos aprender tudo que pudermos sobre Adônis e sua amante divina, Astarte. Aprenderemos acerca dos reis-sacerdotes, seus representantes e seu destino trágico. Vamos comparar o grande santuário de Astarte em Pafos com o templo que o rei Salomão ergueu ao Altíssimo com o auxílio de Hirão, rei de Tiro, Hiram Abiff e Adoniram ben Abda. Começaremos seguindo nosso Mestre no caminho que ele pisou na Antiguidade, quando ascendeu aquela brilhante estrela d'alva cuja chegada trouxe esperança e salvação para uma multidão, mas morte para um único homem.

Vamos aprender algo sobre as fogueiras de Melcarte, o Rei Divino da cidade de Tiro, cujo santuário Salomão ergueu junto ao templo que construiu para Jeová. Talvez, então, possamos compreender que as lágrimas que as mulheres de Jerusalém derramaram no portão Norte do templo não eram apenas lágrimas rituais, pelo menos originalmente, e no processo compreenderemos quem a rainha de Sabá realmente representa.

## CAPÍTULO III

# Adônis e Astarte na Babilônia

O surgimento e o desvanecimento das estações, o desabrochar e fenecimento da vegetação da qual ele dependia para se alimentar, assolavam o homem primitivo de apreensão, e ele procurava facilitar a ressurreição da vida vegetal por meio de certas cerimônias mágicas.

À medida que a civilização avançava, ele supriu suas ideias primitivas com uma concepção religiosa, onde concebeu a terra como uma grande Deusa da Fertilidade que no outono envelhecia e enfraquecia, correndo risco de morte, pois o homem primitivo criava os Deuses de acordo com sua própria imagem, dotando-os de seus próprios atributos, e acreditando, portanto, que eles nasciam, casavam-se, tinham filhos e podiam morrer. O pensamento de que mesmo a Grande Mãe, a terra fértil, corria risco de morrer, e que ele mesmo poderia morrer de fome, enchia o homem de um terror abjeto, e levando adiante suas antigas ideias mágicas do passado, ele achou que seria desejável executar certas cerimônias baseadas na magia simpática para auxiliá-lo a vencer o perigoso período de inverno. Assim, ele explicava o fenômeno do Outono, Inverno e Primavera como sendo causado pelo envelhecimento, morte e ressurreição de um Ser Divino, mas em sua mente permanecia o medo de que algum dia o Ser divino não se erguesse novamente, e que a destruição de todo o mundo viesse em seguida.

Desse modo, a maioria dos povos primitivos passou a reproduzir um drama no qual alguém representava um Deus que é morto e que volta à vida, mas enquanto nos dias atuais isso é quase sempre apenas teatro, na aurora da humanidade aquele que representava o

papel do Deus era realmente morto, para que o Espírito divino, de quem ele seria o representante, entrasse em outro corpo mais jovem e vigoroso.

O procedimento por meio do qual essa transferência da Alma divina ocorria será descrito em um trecho mais adiante do livro e agora vamos dirigir a atenção para um estudo cuidadoso das histórias relacionadas a Astarte e seu amante Adonis. Com nomes variados, Astarte foi adorada por todo o Oriente Próximo nos dias pré-cristãos. Na Síria e na Palestina ela era conhecida como Astarte ou Astorete, na Capadócia e na Ásia Menor como Cibele, e na Babilônia como Ishtar, enquanto que a mesma grande Deusa Mãe no Egito era conhecida como Ísis.

A forma mais antiga do mito de Adôniz vem da Babilônia. Nesses registros, ele é denominado Dumiz-abzu,<sup>52</sup> mas geralmente chamado de Dumuzi, de onde deriva o nome Tamuz, que é sua denominação na Síria. Naquele país, ele costumava ser chamado de Senhor, Adon, sendo que os gregos, pensando que esse era seu nome próprio, o helenizaram como Adonia.

Na literatura da babilônia, Dumuzi era o jovem amante de Ishtar, a grande Deusa Mãe que personificava as energias reprodutivas da natureza. As referências à tragédia são muito fragmentadas, mas sabemos que anualmente Dumuzi morria e passava para o mundo subterrâneo e que sua amante Divina o buscava “na terra sem retorno, na casa das trevas, onde a poeira cobre a porta e o ferrolho”.<sup>53</sup> Essa, naturalmente, era a estação do inverno, durante a qual animais e plantas deixavam de reproduzir suas espécies. Tão séria era a posição que o Deus Ea enviou mensageiros para o Mundo Inferior e exigiu de sua rainha, Allatu, o retorno de Ishtar. Enquanto isso, Ishtar passara pelos sete portais do Mundo Inferior, em cada um dos quais foi compelida a pagar um tributo para o Guardião do Portal, que consistia em uma das suas vestes, até que por fim ela apareceu diante da Deusa do Mundo Inferior totalmente nua. Apesar desses

---

52. P. Jensen. *Assyrisch-Babylonische Mythen und Epen* (Berlim, 1900). P. Dhorne, “La Religion Assyro-Babylonienne” (Paris, 1910).

53. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 8.

sacrifícios, a Deusa se recusou a libertar Dumu-zi e lançou desprezo sobre Ishtar.<sup>54</sup>

Foi nesse momento que o Mensageiro dos Deuses chegou e compeliu Allatu a respingar Ishtar e Dumu-zi com a Água da Vida, de modo que os dois pudessem voltar juntos para o Mundo Superior e a natureza pudesse reviver.

Felizmente, temos certo número de hinos babilônicos usados na lamentação anual feita pelo povo da Babilônia, e em particular com a semente do trigo, que é enterrada para que possa trazer vida e fornecer uma boa colheita. Dumu-zi, em suma, é o Espírito da Vegetação e principalmente do trigo. Esses lamentos “eram entoados sobre a efígie do Deus morto, que era lavada com água pura, ungida com óleo e vestida com uma túnica vermelha”.<sup>55</sup> A flauta era o instrumento principal, e parece não haver dúvida que aqui e em outras partes da Ásia os antigos tinham o segredo de produzir música que intoxicava os cérebros dos adoradores e lhes provocava um estado similar ao frenesi. O segredo está no uso de oitavas e quartas de tom e foi redescoberto há pouco tempo no México. Por meio do seu uso, alega-se que os músicos podem despertar quaisquer sensações que desejem no coração humano, um poder muito perigoso e que explica muitas das cenas selvagens e fantásticas que vamos descrever a seguir.

Essa versão da história representa Ishtar como a fiel, amorosa e enlutada Amante, todavia, há outro lado de sua personalidade que devemos levar em conta. Sua atitude de afeto e solicitude pela raça humana também é expressa em sua lamentação quando o grande dilúvio quase destrói a humanidade, ocasião em que ela diz: “por acaso gerei meu povo para que pudessem encher os mares como peixinhos?”<sup>56</sup>

Mas ainda há outro lado de Ishtar muito mais sinistro e desagradável que é exposto nas tábuas que contêm o Épico de Gilgamesh. Ali ela pede para ser seu amante e Gilgamesh, em palavras que poderiam ter sido proferidas por um profeta hebreu, denuncia a Deusa sem rodeios. Ele começa com uma lista das calamidades e infortúnios que

54. Rev. W. A. Wigram, D.D. *M.S.S. Transactions*, vol. 2, p. 20.

55. Frazer, *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 9.

56. *The Babylonian Story of the Deluge*. British Museum, 1920, p. 36, 1.1-3

se abateram sobre aqueles imprudentes o bastante para se tornarem amantes da Deusa e diz: “qual amante amaste longamente, qual dos teus pastores prosperou? Descreverei a calamidade que te acompanha”. Ele a acusa de ter causado a morte de Dumu-zi e acrescenta que cada criatura que cai sob seu domínio sofre mutilação ou morte, mesmo as feras ou pássaros, concluindo com as palavras: “Tu me amas e me tratarias como tratou a eles?”<sup>57</sup>

Quando ouviu essa resposta, Ishtar se enfureceu e, ascendendo ao Céu, reclamou com Anu, seu pai, e Antu, sua mãe, que Gilgamesh havia proclamado em voz alta todos os seus feitos iníquos. Consequentemente, Anu criou um touro que respirava fogo e o enviou para devastar os campos ao redor de Erech, mas Gilgamesh e seu amigo Enkidu foram atrás do touro e o mataram. Quando a Deusa soube da morte do touro, foi até as ameias da cidade e amaldiçoou Gilgamesh por matá-lo, ao que Enkidu reagiu “arrancando uma porção da carne do touro do seu flanco direito e a atirando na Deusa, dizendo: “Quisera poder lutar contigo, servir-te-ia como servi teu touro. Eu te envolveria com suas entranhas”. Então Ishtar reuniu as mulheres e cortesãs do seu templo, e com elas pranteou sobre a porção do touro que Enkidu havia atirado sobre ela”.<sup>58</sup>

Não posso deixar de pensar que o flanco direito aqui, como em muitas outras narrativas de um incidente similar, é um aforismo para o membro viril, e se for esse o caso, o significado do incidente é muito claro. A Grande Mãe, antes de assumir uma forma humana, era frequentemente representada por formas animais, entre elas a rainha Abelha, um emblema associado a Astarte e sua representante clássica, Ártemis. No caso de “Diana de Éfeso”, a abelha<sup>59</sup> até aparecia nas moedas da cidade e a sobrevivência desse atributo mesmo na Maçonaria Especulativa é provado pelo uso constante de uma colmeia nos certificados do século XVIII, em tábuas de delinear e itens semelhantes. Nesse período tardio, a presença de uma colmeia é descrita como um emblema do trabalho duro e da indústria que deve caracterizar os maçons, etc., mas essa é

57. *Ibid.* p. 46, sq.

58. *Epic of Gilgamesh*. Publicado pelo Brit. Mus. P. 48.

59. *Enclopédia Britânica*, vol. 2. “Artemis”, p. 665.



uma explicação tardia do símbolo, cuja interpretação original era muito diferente. É um fato patológico, sabido por todos os apicultores, que o desafortunado zangão morre como resultado do voo matrimonial, seu órgão masculino sendo arrancado e deixado para sempre na rainha. Assim, o marido da abelha é automaticamente destruído; contudo, sem essa destruição a rainha não seria fértil e a comunidade das abelhas morreria. Um fato tão peculiar não deve ter escapado da atenção de selvagens observadores que também, sem dúvida, estavam conscientes de que certas aranhas-fêmea, depois de um incidente similar, consumiam o macho. A similaridade desses incidentes com o que acontecia quando o milho era plantado devia, claro, estimular a imaginação de um povo primitivo, no sentido de que a causa da morte do amante da Grande Deusa da Terra se tornasse bastante clara na lenda de como Átis morreu, algo que consideraremos em seguida. Assim, o amante da Grande Deusa morre, e como fruto da união deles nasce um filho, que se torna o amante da Grande Mãe Terra, morre e é pai de outro filho que passará por um ciclo semelhante. O milho é plantado no útero da terra e morre, mas desse lugar escuro vem o milho novo, que cresce até a maturidade, é colhido e novamente colocado no ventre da Mãe Terra.

Agora percebemos por que nos ritos similares de Cibele e Átis, seus sacerdotes, em memória a Átis, mutilavam-se, sacrificando sua virilidade para que a Grande Mãe pudesse ser fértil. Essas cerimônias, que ocorreram no “Dia do Sangue”, foram repetidas anualmente em Roma, no Vaticano, que era o santuário da Grande Mãe, até o século III d.C. Não há a mínima dúvida de que a causa original da morte de Tamuz, ou Adônis, fora a mesma que a de Átis, e as lendas posteriores foram inventadas em um período quando os homens haviam se tornado mais escrupulosos. É significativo que uma das formas de Diana fosse um urso, e no maior santuário de Astarte em Afca, na fonte do Rio Adônis no Monte Líbano, existe uma grande escultura de pedra onde vemos as figuras de Adônis e Afrodite (Astarte). O primeiro é “retratado com uma lança aguardando o ataque de um urso, enquanto ela está sentada em uma atitude de tristeza”.<sup>60</sup> Nota-se que o animal não é um javali, cuja aparição na forma grega da lenda é sem dúvida muito tardia e o

60. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 29. E. Renan, *Mission de Phénicie*, p. 292-294.

significado oculto do baixo-relevo é que o homem infeliz é destruído pela Deusa na sua forma animal. Essa ideia antiga, horrível para nosso modo de pensar, ainda assim era celebrada na Maçonaria por meio de um peculiar incidente que persistiu em nossas cerimônias, não só entre os Operativos, mas também entre os maçons Especulativos em Gales até o fim do século XIX, como explicaremos mais tarde, embora desprovido de quaisquer consequências trágicas ou dolorosas.<sup>61</sup>

Essa digressão aparente era essencial para permitir compreender o verdadeiro caráter de Astarte ou Ishtar, a verdadeira causa da morte da sua série de amantes e a denúncia veemente, reforçada por uma conduta ofensiva, de Enkidu, cuja atitude poderia ser resumida nas palavras: “Você queria *isso* do meu amigo Gilgamesh, então lhe dei um substituto”.

O uso de substitutos semelhantes, que em data posterior eram oferecidos à Grande Mãe como bolinhos feitos na forma do órgão masculino, um tema a que voltaremos no capítulo dos ritos secretos de Adônis de Judá, indica uma amenização das cerimônias, que eram executadas anualmente em sua honra na época do luto por Tamuz.

Temos uma representação ainda antiga da Grande Mãe na sua forma animal nas lendas babilônicas da Criação.<sup>62</sup> Aqui ela é chamada de Tiamat, o Útero do Abismo. Para a população ela era representada como imunda e abominável: “ela era, ainda assim, a Mãe de tudo e a possadora da Tábua dos Destinos.” Esse monstro aparentemente se ressentia da tentativa dos Deuses de trazerem ordem ao caos, e o resultado foi uma luta entre os Deuses da Luz e as criaturas semibestiais das profundezas. Contudo, um ser de forma humana estava do seu lado, um certo Kingu, que ela chamava de “seu marido”. Tiamat o apontou como seu líder e prendeu no peito dele a tábua dos Destinos, dizendo: “*O que sair da tua boca será estabelecido*”.<sup>63</sup>

Os Altos Deuses no Céu ficaram em pânico, pois não podiam encontrar ninguém valente o bastante para destronar Kingu, cujo poder fora estabelecido por Tiamat, mas Marduk, que é uma forma

---

61. A. Heiron. *Ancient Freemasonry and Old Dundee Lodge*, p. 153.

62. *The Babylonian Legends of the Creation*. Brit. Mus. p. 13.

63. *Ibid*, p. 17.

do Deus Solar, adiantou-se como o campeão dos Altos Deuses e concordou em lutar, contanto que eles reconhecessem sua supremacia.

“Marduk se aproximou e olhou para o ‘Meio’, ou ‘Interior’, ou ‘Útero’ de Tiamat, e decifrou o plano de Kingu, que havia se estabelecido ali.”<sup>64</sup>

Em uma observação importante, o autor do panfleto do Museu Britânico a respeito “das Lendas Babilônicas da Criação” diz: “Os egípcios distinguiram uma porção dos céus pelo nome de Khat Nut”, isto é, “o ventre de Nut”, e ainda existem dois desenhos dele”. Ali foram incluídas cópias desses desenhos, que deixam claro que a porção da anatomia referida é o útero, e no segundo exemplo um Deus, ou um ser humano, é exibido na posição pré-natal. A mesma autoridade declara que Kingu “é Tamuz”.<sup>65</sup>

Também ficamos sabendo por esse texto que Tiamat teve um marido anterior, Apsu, que foi morto por um dos Deuses mais antigos, Ea. Vemos, portanto, que Kingu reproduz os recursos essenciais de um Tamuz posterior, e o significado de seu refúgio no útero de Tiamat torna-se imediatamente claro.

Marduk derrotou Kingu e matou Tiamat com sua lança, emblema que é uma parte importante de todas as transmutações do tema de Adônis. Ele permanece até os dias das lendas do Santo Graal na Europa Medieval, e foi com essa arma que em certas áreas primitivas, mesmo no período clássico, representantes humanos de Adônis foram mortos. Isso deve sempre ser lembrado, pois repetidas vezes será associado de alguma forma a Adônis.

Depois de matar Tiamat, ele formou o céu e a terra a partir dela, e depois de criar uma nova raça de animais, fez os homens semelhantes aos Deuses. Para dotá-los de uma centelha da Natureza divina, ele decapitou Kingu e “criou o homem do sangue do Deus misturado com a terra”. As palavras que usou são significativas, pois ele disse que criaria o homem do “sangue e osso – Dami Issimtum”.<sup>66</sup> A semelhança dessa palavra com Damu ou Dumu-zi é bastante significativa, e as palavras de Ea, “que um Deus irmão seja entregue,

64. *The Babylonian Legends of the Creation*. Brit. Mus. p. 20.

65. *Ibid*, p. 17.

66. *Ibid*, p. 27.

que ele sofra *destruição* para que os homens possam ser moldados” resume a importância total, não só desse incidente, mas da história milenar do sacrifício do homem pelo homem.

Nesse registro babilônico bastante antigo, obtemos a primeira e mais primitiva concepção da Grande Mãe e o protótipo do Monstro que em tantos ritos iniciáticos supostamente deve engolir o iniciado, para então trazê-lo de volta renascido para uma nova vida. Até hoje, nas florestas da Nova Guiné, os iniciados são engolidos por um grande monstro (na verdade uma casa construída nesse formato); eles passam algum tempo no estômago desse dragão mítico e são restaurados à vida como *homens*. Como vimos mais tarde na lenda de Jonas e do grande peixe, uma cerimônia similar ainda era realizada na Judeia no século VIII a.C.

No devido tempo, a religião babilônica gradualmente se desenvolveu rumo ao monoteísmo, embora nunca tenha de fato alcançado esse estágio; contudo, descobrimos em escritos posteriores uma crescente tendência a alegar que todos os Deuses são apenas formas do verdadeiro Deus uno, Marduk. Também notamos que o número de Deuses se reduz aos poucos, e em particular que Ishtar absorve em si mesma uma série de Deusas menores, especialmente aquelas relacionadas à Grande Deusa Mãe. Outro desenvolvimento importante é o agrupamento de Deuses em Tríades, Ishtar sendo associada com Sin, o Deus Lua, e Shamash, o Deus Sol. Assim, não nos surpreende que ela e Tamuz assumam os atributos do Sol e da Lua, embora ela nunca tenha perdido inteiramente seu aspecto original de Deusa da fertilidade. Em termos estritos, ela era a Deusa da Estrela Vênus, tanto como Estrela da Manhã, quando nasce no Leste, quanto da Estrela Vespertina, um fato que explica certos incidentes associados com a *Estrela da Manhã no Leste* em rituais posteriores. Foi na Antióquia que a multidão ergueu os olhos para “aquela brilhante estrela matinal cuja ascensão traz paz e salvação para os fiéis e obedientes da raça humana”.<sup>67</sup>

Em dois selos de cerca de 2500 a.C., agora no Museu Britânico e ilustrados nas Lendas Babilônicas, são exibidas duas cenas que, embora oficialmente descritas como “Shamash, o Sol, nascendo e se pondo”, provavelmente representam a descida de Dumu-zi ao mundo

67. Frazer. *Adonis, Attis, Osiris*, 3ª edição, vol. I, p. 258.

inferior e sua subsequente volta ao despontar do dia. No primeiro, o Deus parece estar afundando no mundo inferior com o que parecem ser pinhões, um dos seus emblemas, a partir dos quais brota uma jovem árvore. Sobre o Deus moribundo está a Deusa, que deixa cair no túmulo aberto uma “espiga de milho”, pois assim as autoridades do museu a descreveram, mas que me parece muito mais uma romã, o conhecido símbolo da fertilidade e da “Abundância”. De qualquer modo, ela está claramente plantando a semente. Um Deus assistente solta uma águia, que entre muitas nações sírias era liberada na queima emblemática do Deus, para indicar a ascensão da sua alma para o céu. Por perto está um Deus segurando um arco na mão, um dos emblemas mais conhecidos da Grande Mãe, por trás do qual está um leão, outro dos seus emblemas, sob o qual ela era adorada na Ásia Menor. Oposto ao leão está o touro, outro emblema regular da Deusa da fertilidade e um que, como vimos na narrativa de Gilgamesh, tinha uma relação especial com Ishtar.

O outro selo, que parece ser da mesma data, exhibe Dumu-zi (ou alternativamente Shamash) surgindo do Mundo Inferior. Dois Deuses assistentes sustentam dois pilares, ou talvez portas, que são sobrepostas por leões. De qualquer modo, os pilares ou portas sem dúvida representam os portais do Mundo Inferior sendo fechados. As linhas de fogo sugerem a pira funérea do Deus a que já nos referimos, enquanto a estrela de oito pontas é o reconhecido emblema de Ishtar. O fato de haver dois deles nos lembra que ela era a Deusa de Vênus tanto como Estrela Vespertina como Estrela Matutina e que quando Vênus se erguia no Leste, isto é, pela manhã, era a hora de proclamar a chegada da ressurreição de Tamuz.

Alguns dos nossos leitores podem se interessar em saber que o símbolo do Deus Nabu era o esquadro de pedreiro, que na Babilônia consistia em um triângulo reto, e uma imagem dele pode ser encontrada na página 25, Registro 3, de *The Babylonians Legends of the Creation*.

Antes de deixar as narrativas babilônicas de Ishtar e Tamuz, parece desejável dizer algo sobre Enkidu, o grande amigo de Gilgamesh. Ele era um ser misterioso, que não nasceu como um ser humano comum, tendo feito especialmente por uma das Deusas. Vestia-se de folhas e vivia na floresta, onde se tornou um tipo de senhor dos animais selvagens. Quando os caçadores preparavam armadilhas,

Enkidu as quebrava e impedia que eles capturassem os animais selvagens. Esses homens apelaram para Gilgamesh, rei de Erech, que enviou uma Prostituta do Templo, cujos modos de agir era parecidos com os de Dalila. No fim, ela atraiu Enkidu para longe das florestas até as moradias dos homens em Erech.

A partir do que foi dito acima, está claro que Enkidu representava o espírito indômito da vida selvagem. A Prostituta do Templo era uma das mulheres dedicadas a Ishtar e, até certo ponto, a representa. Depois do insulto que Enkidu lançou a Ishtar, a Deusa causou sua morte, mas não sabemos exatamente como. Após perder o amigo, Gilgamesh sai na sua grande jornada em busca do segredo da Vida Eterna. Essa jornada, como mostrei no vol. 2 de *The Hung Society*, é na verdade uma alegoria da jornada da alma através do Mundo Inferior, e podemos suspeitar que Gilgamesh é o outro eu de Enkidu. A similaridade entre o destino de Enkidu e Perséfone por um lado, e a jornada de Ceres e Gilgamesh do outro, é exata demais para ser acidental. Quase parece que nessa história tentamos “reformular” a velha lenda de Tamuz e Ishtar em que a Deusa é vista sob um prisma muito desfavorável. Não devemos esquecer que Ishtar, como todas as grandes Deusas da Fertilidade, teve uma série de amores que morreram tragicamente, embora na realidade cada um seja uma reencarnação do anterior; e antes de termirmos nossa discussão aqui, descobriremos que há, por assim dizer, um vínculo entre o antigo amante e o novo que transfere a alma do Deus moribundo ao seu sucessor. Esse vínculo é quase sempre um ramo de acácia, ou de alguma árvore similar, que cresce no túmulo do Deus morto e para o qual sua alma temporariamente passa antes de encarnar mais uma vez na forma humana. Mesmo na história de Gilgamesh, essa planta mágica, que garantiu vida eterna ao seu feliz possuidor, aparece. Para obtê-la, Gilgamesh mergulhou no fundo do mar e subiu de volta para o barco de onde viera. O nome dessa planta é “o velho se torna jovem”, e Gilgamesh declarou que ele “comeria dela para recuperar sua juventude perdida”. Infelizmente, contudo, uma serpente roubou a planta, e assim privou Gilgamesh da Vida Eterna, assim como a serpente causou a perda da imortalidade para Adão e Eva.<sup>68</sup>

---

68. *The Epic of Gilgamesh*. Britanic Museum, p. 55.

A 12ª e última tábua do Épico é uma triste leitura. Desesperado, Gilgamesh invocou o espírito de Enkidu do Mundo Inferior, o Fantasma apareceu e descreveu condições a partir das quais podemos deduzir que o Mundo Inferior era um lugar triste e sombrio.

Vemos, portanto, que os prantos de Ishtar, mesmo de acordo com os babilônicos, eram lágrimas de crocodilo e que a morte dos seus amantes era o resultado natural e inevitável de se acasalar com ela, o que de fato explica algumas das características cruéis e desagradáveis que desfiguram a adoração da Grande Mãe na Síria e na Ásia Menor. Percebemos que a semelhança com a abelha rainha, que destrói o zangão, emasculando-o, descreve de modo exato uma concepção antiga da Deusa da Fertilidade. Como um símbolo do processo da natureza, essa analogia era perfeitamente correta, pois Dumu-zi representa o milho, que ao ser plantado no útero da Mãe Terra, morre, mas desse modo uma colheita abundante é produzida, ou seja, por intermédio do sacrifício do espírito do milho, a humanidade é salva. As crianças da Mãe Terra assim geradas, isto é, as espigas de milho, tornam-se seus amantes, ano a ano, e sofrem o mesmo destino sendo plantadas na terra novamente. Como os homens selvagens acreditavam que poderiam auxiliar as forças da natureza simulando suas ações em um formato dramático, não devemos nos surpreender ao descobrir que seres humanos reais, vivos, representavam a parte do infeliz Dumu-zi e, como ele, morriam, esperando que o resultado fosse uma colheita abundante. A partir da evolução desse selvagem Rito Mágico é que, no devido tempo, surgiu o alto Drama do Mistério, que ensinava da morte e ressurreição e da Vida Imortal além do túmulo. E esse é o motivo por que o herói é sempre chamado de “O FILHO DA VIÚVA”.

A partir desses eventos, os babilônios tardios possuíam um drama de Mistério que é de considerável importância para nós nessa investigação. O senhor Sidney Smith<sup>69</sup> baseia sua narrativa dessa cerimônia<sup>70</sup> no importante texto babilônico publicado pelo doutor Ebeling e o

69. Sidney Smith. *The Relation of Marduk, Ashur and Osiris. Journal of Egyptian Archaeology*, vol. VIII. (Abril de 1922).

70. Pelo trecho a seguir agradeço à grande generosidade do Irmão Sidney Smith, do Departamento Assírio do Museu Britânico, que foi de grande ajuda não só neste como em muitos outros pontos.

professor Zimmern, e deles vem a conclusão de que Assur e Marduk eram praticamente o mesmo Deus e que Assur pode ter sido a origem de Osíris, com quem o nome Ausur, Assur, está relacionado.

“Certos textos de Nínive e Assur descrevem cerimônias de culto executadas no Festival do Ano-Novo.”<sup>71</sup> A parte de Marduk era representada pelo rei, a de Nabu pelo sumo sacerdote e o resto dos adoradores também participavam de um ritual dramático de morte e ressurreição. As cerimônias cobriam 12 dias, assim como aquelas relacionadas com o Senhor da Desordem no período Natalino na Inglaterra,\* sendo esse número, sem dúvida, uma referência aos signos do zodíaco e aos meses do ano.

Os dias de abertura eram ocupados por um drama de criação, quando o Deus Zu roubava de Marduk “a tábua do destino” cuja posse era essencial para o Deus que pretendia reinar sobre o universo. Era um tipo de Paládio\*\* e sua forma imediatamente sugere uma “Palavra de Poder”, enquanto a perda dessa tábua indica a “Palavra Perdida”. Essa perda leva à queda de Marduk, enterrado na “Montanha” que representa o “Mundo Inferior”.

“Uma mensagem foi enviada pedindo que alguém levasse Marduk para fora. Nabu veio de Borsipa para salvar seu pai. Uma Deusa (provavelmente Beltis, a esposa de Marduk) apareceu a Sin e Shamash para trazer Bel de volta à vida; eles foram até o portal do túmulo para buscá-lo, onde ele era guardado por dois vigias em uma prisão, sem sol ou luz; a Deusa desceu até o túmulo para salvá-lo. Enquanto Marduk estava aprisionado, aparentemente ao lado dos verdadeiros malfeitores, a confusão recaía sobre a Babilônia. Outros detalhes do ritual não são tão fáceis de incluir nessa história, mas está claro que Nabu e Beltis não mediram esforços para auxiliar Marduk. Por fim, Anshar enviou Enurta para capturar Zu; em seguida, os Deuses forçaram a porta da prisão e tiraram Marduk de lá. Deve-se

---

71. Lancelote estava destinado a ser “coroado no meio do fogo” no Dia do Ano-Novo caso tivesse aceitado o trono da cidade ardente. Ver Capítulo XIV.

\*N.T.: Popularizado como o Grinch.

\*\*N.T.: Estátua de Atena que ficava em Troia; Apolo previu que Troia só cairia quando o Paládio não estivesse mais na cidade.



notar que o Colofão da tábua mostra que ela foi feita apenas para os olhos dos iniciados nesses mistérios religiosos.”

Em relação a essa história, devemos nos lembrar que Nabu é o Deus Pedreiro\* e que seu emblema é o esquadro. O senhor Smith destaca os numerosos pontos de similaridade entre esse mito e o de Osíris. Beltis é Ísis, Enurta e Zu são Hórus e Set, enquanto Nabu é semelhante a Thoth. Na Assíria, Ashur era o herói da luta com Tiamat, como Marduk era na Babilônia, mas é provável que Marduk fosse o nome babilônico de Ashur, Marduk também era chamado de Asari. Nos baixos-relevos, Ashur está sempre associado a uma árvore, sobre a qual flutua um disco alado. A árvore se assemelha ao pilar Tat do Egito e o disco se parece com o disco em Boghaz-Keui.

O senhor Smith considera que essa árvore seja um cedro, cuja ligação com Tamuz é um dos fatos mais bem definidos que possuímos em relação àquela divindade. O Deus Moribundo original na Babilônia foi Tamuz e, portanto, parece que no curso de sua política de exaltar Marduk, o Deus da sua cidade, os sacerdotes babilônicos o identificaram como Tamuz. Aqui fica claro que, como na Judeia, os sacerdotes tendiam a substituir o politeísmo pelo monoteísmo. O processo estava apenas parcialmente completo quando os persas capturaram a cidade e romperam um interessante desenvolvimento religioso, mas é inegável a tendência de associar os vários Deuses do Panteão com Marduk e embora provavelmente esse fosse um culto mais ou menos secreto dos sacerdotes, não deixava de ser significativo.

Assim, o fato de que o próprio rei tinha que representar o papel do Deus moribundo mostra que, como os reis da Síria, ele também era um rei divino, o portador do espírito do Deus da vegetação, que seria depois identificado como o Deus da luz, um processo que aconteceu alhures. Na substituição de uma representação dramática da morte no lugar da terrível realidade, temos um exemplo do processo que ocorreu em muitos cultos, e talvez na própria Maçonaria. Mesmo assim, os babilônios também tinham um sacrifício real anual de um rei substituto, como veremos mais adiante.

---

\*N.T.: No original, *Mason god*.